

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 no bairro de Aquidauã, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 2º de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período que reside no Rio de Janeiro, trabalhou no Ministério da Educação do estado (diretor) e depois no do Império (superintendente). Foi também diretor do Liceu e do Ginásio Artísticos. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente do Conselho da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense. Foi autor de vários livros e artigos. Obra de 1913, em parceria com Antônio Bezerra de Albuquerque, foi publicada em Recife.

**ANTOLOGIA DOS POETAS DA
ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS**

no período de 1896 a 1900. Tese sobre o período de 1896 a 1900, em 1900, foi publicado no periódico denominado "Revista Cearense". Após o fim da carreira pública, dedicou-se ao trabalho de escritor e foi eleito presidente do conselho. Durante o período de 1900 a 1904, foi eleito presidente do conselho. Com a ajuda de Leonardo Melo, um dos membros do conselho, conseguiu a criação da Academia Cearense de Letras, ocasião em que o nome de "Academia Cearense de Letras" foi adotado.

A REDENÇÃO DO ACAMAPE

LEONARDO MELO
1900

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proceloso
Recupera novos bens,
Tirando a fim a umidade,
Magnifico a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Fúria é Glória condida.

Os céus se vestem de espumas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

VIRGÍLIO MAIA

Virgílio Nunes Maia nasceu em Limoeiro do Norte, Ceará, no dia 7 de março de 1954. Bacharel e mestre em Direito pela Universidade Federal do Ceará. Advogado militante e, desde 2003, é membro da Comissão de Cultura, da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção do Ceará.

O acadêmico Artur Eduardo Benevides, Príncipe dos Poetas Cearenses, assim se expressou sobre Virgílio Maia: “Sois, em verdade, um admirável poeta, a trabalhar, diuturnamente, com o luar das palavras, na criação de uma mensagem que terá permanência pela beleza do conteúdo e segurança da forma, o que vos credencia ao nosso respeito e admiração como uma das figuras de maior expressão da Poesia Cearense contemporânea”. É autor de vários livros, entre os quais, *Palimpsesto*, 1994, indicado para o vestibular da UFC nos anos de 2004 e 2005; *España – doce ciudad y una aldea*, 1997; *Inscrição mural*, 2000; *Rudes brasões*, 2004; e *Breve memória dos fortes do Ceará*. Participa de várias antologias.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 29 de novembro de 2004, ocasião em que foi saudado pelo poeta Artur Eduardo Benevides. Ocupa a vaga deixada pela escritora Natércia Campos, cadeira número 6, cujo patrono é Antônio Pompeu de Souza Brasil. É membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro e da Academia Limoeirense de Letras.

A NONAGÉSIMA – SÉTIMA SURATA

*Esta noite é melhor do que mil meses,
vale mais, muito mais que mil navios,
que n rebanhos de formosas reses
e abarca a somatória dos estios.*

*Ela é a paz e, vezes vezes vezes,
virá de vez ao mundo e seus rocios
serão fé de onzeneiro e camponeses,
que é decreto baixado sobre ímpios.*

*O segredo de bem depois da aurora
aos anjos que desceram, nesta noite
por pulso forte se esclarecerá.*

*E ao todo tocará, aguda espora,
a ponta sibilante de um açoite,
nos ponteiros finais dessa hora H.*

MOGI MIRIM, SP

*É a ponta de lembrança no meu mapa,
mas só vem quando quer,
que se quero puxar, ela me escapa,
trincada porcelana,
esteja onde estiver.
E me acenam, dos idos de 60,
nessa curva que a minha vida inventa,
os apitos do trem da Mogiana.*

JR 18,2

*Eis se juntam,
às mãos louceiras,
a argila, a água e o fogo
numa soma de sopro e labaredas;
e se exaltam, em quádrupla unidade,
nessa peça que nem tem mais idade.*

FONTE: POEMAS SELECIONADOS PELO AUTOR.

*Essa coisa é como o vento
ou como um quieto movimento
que se desmancha e se ajeita
e ao parecer-me perdido
é achado inteiro e contido
como uma concha na areia.*

POEMA DA TIMIDEZ

*O que se tem é o que se ousa
acima e mais além do que se teme
e das hesitações e dessas coisas
imensas nascidas do silêncio.*

*Há brilhos infinitos nas afoitas
verdes vagas que chegam como fontes
e fazem brancas as acerbadas noites
ou os seus obscuros horizontes.*

*Não há limite nem perigo ou muro
quando-se ousa nas forças dos apelos
nem gesto duvidoso ou inseguro
ou sons inertes inválidos ou presos.*

*Fizeram-se assim seu tempo e hora
sem medos ou em velozes pensamentos
sem tímidas recusas sem memória
desdobrando-se por si e para sempre.*

O LABIRINTO DOS SENTIDOS

*E sem qualquer desenho ou mapa
ou fio ou rabisco ou faro de sua saída
neste corredor que não se acaba
e todo se recomeça a cada esquina*

*os sons dos passos repetidos
vejo-os por inteiro e tão maduros
nos recomeços intranquilos
ouço a sombra-me nos escuros.*

*Quem compra o sonho esse remoto
insumo da minha vida em que resisto
onde o mínimo é sempre o todo
em comigo ou sem mim desreunido?*

*Sem a sua metade e o seu recíproco
será a coisa mais andrógina e invisível
o sonho em sinuoso passo insípido
pelo imaginário labirinto dos sentidos.*

FONTE: POEMAS SELECIONADOS PELO AUTOR.